

A INFLUÊNCIA DAS CIRCUNSTÂNCIAS PARA O AGIR MORAL DE ACORDO COM A ÉTICA A NICÔMACO DE ARISTÓTELES

HUPPES, Daniel

Universidade Federal de Pelotas

HOBUSS, João

Universidade Federal de Pelotas

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa investigar acerca da ética aristotélica e suas principais implicações para com o âmbito prático humano. O principal objeto de estudo é a *Ética a Nicômaco*, obra monumental em que Aristóteles investiga de forma precisa e minuciosa o âmbito prático dos homens, principalmente o livro II; além disso, far-se-á uso do livro de Zingano, o qual acrescenta comentários muito elucidativos quanto ao denso conteúdo da obra aristotélica. Aristóteles tem a preocupação de tornar a virtude acessível aos homens, dado que a posse das virtudes é o que possibilita aos homens alcançar a felicidade – considerada como sendo o fim último, isto é, o principal objetivo de todo e qualquer homem. Para que seja possível aos homens agirem de modo virtuoso, Aristóteles estipula algumas considerações importantes: (i) as ações que os homens colocam em prática devem ter a característica de serem conforme a doutrina da mediedade – deve-se encontrar aquilo que Aristóteles denomina de meio termo entre o excesso e a falta: agir conforme o meio termo é o que caracteriza a ação virtuosa, ao passo que agir conforme os extremos resulta no agir de forma viciosa; (ii) os homens devem atentar para aquelas coisas que lhe proporcionam prazer e dor, visto que os homens agem de forma incorreta devido aos prazeres e se abstêm das ações dignas de louvor em decorrência da dor; (iii) o agir dos homens está totalmente influenciado pelas circunstâncias que se fazem presentes no momento da ação.

Se fosse necessário apenas encontrar qual seria a ação que se caracteriza conforme a doutrina da mediedade, tal tarefa não traria maiores problemas. Porém, o que se deve destacar é que o âmbito prático humano não é definível, ou seja, há um número muito vasto de maneiras diferentes de agir em cada circunstância específica. Enquanto que um indivíduo age de maneira *A* diante de uma dada situação, outro indivíduo pode agir conforme *B* diante da mesma situação. Sendo assim, não há como elaborar enunciados universais para com o âmbito prático dos homens porque, dependendo da situação que se faz presente no momento da ação, a melhor maneira de agir é de acordo com *A*, mas, ao se alterar a situação, agir conforme *A* pode ser moralmente incorreto e a melhor ação seria, então, *B*. Tal impasse é o que traz inúmeras dificuldades para a teoria da moral de Aristóteles.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

A pesquisa se desenvolveu a partir da pesquisa bibliográfica, através de leitura, exegese e fichamento das obras *Ética a Nicômaco* de Aristóteles e o *Tratado da Virtude Moral; Ethica Nicomachea I 13 – III 8*, de Marco Zingano.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O postulado que serve como ponto de partida para todo o desenvolvimento da teoria da moralidade de Aristóteles diz respeito à felicidade, sendo esta considerada o que realmente dá sentido à vida dos homens. Isto significa que a felicidade constitui-se como um bem maior, aquilo que todo indivíduo busca alcançar no decorrer da vida, ou seja, os homens desempenham suas respectivas atividades sempre com a perspectiva de alcançarem uma vida feliz. O que direciona Aristóteles para o âmbito das virtudes é o fato de estas estarem intrinsecamente relacionadas com a felicidade, dado que Aristóteles identifica a felicidade como uma *“atividade da alma conforme a virtude perfeita”* (Ética a Nicômaco, 1102a5). Em suma, uma vida virtuosa acarreta a felicidade plena.

Uma característica importante que Aristóteles desenvolve é a divisão da alma: de acordo com ele, a alma possui uma parte não racional – que diz respeito ao crescimento e a alimentação, comuns a todos os seres vivos – e uma parte que faz uso da razão. De maneira análoga, Aristóteles elabora uma distinção que diz respeito ao âmbito da virtude que auxilia na questão de como é possível as virtudes engendram-se nos homens, a qual é de singular importância para o desenvolvimento de sua teoria da moral. Sendo assim, há as virtudes ditas intelectuais – sabedoria filosófica, compreensão, sabedoria prática – e há as virtudes ditas morais – a liberdade, a temperança, a coragem, a generosidade, a magnificência, dentre outras –. Característica relevante nesta divisão do âmbito das virtudes é a maneira que cada uma é passível de estar presente nos homens: enquanto que a virtude intelectual engendra-se nos homens graças ao ensino (o que requer tempo e experiência), a virtude moral é resultado única e exclusivamente do hábito.

Como Aristóteles está mais preocupado em tornar os homens seres melhores, isto é, a sua investigação se volta mais ao âmbito prático, o que estará mais sobre o foco da análise são as virtudes ditas morais. De acordo com o pensamento aristotélico, as virtudes morais são passíveis de engendram-se nos homens graças ao exercício, o que significa que é a prática reiterada que resultará num determinado hábito, isto é, numa disposição de agir. Conforme Aristóteles diz: o homem torna-se *“justo praticando atos justos, torna-se temperante praticando atos temperantes, praticando atos corajosos, corajosos”* (Ética a Nicômaco, 1103b1). É importante ressaltar que sem essa prática reiterada das ações seria impossível o homem alcançar as virtudes, visto que o que é de suma importância para atingir tal resultado é justamente a prática. As virtudes resultam de um exercício constante em que os erros e as correções fazem parte do *“amadurecimento”* de caráter.

Como se destacou de forma breve anteriormente, o âmbito prático humano não é algo determinado, ao invés disso, pode-se apresentar de inúmeras maneiras diferentes diante das mesmas circunstâncias. Porém, apesar dessa indeterminabilidade que envolve o âmbito das ações, uma coisa pode-se afirmar com convicção no que diz respeito às ações: tanto o excesso como a falta são maneiras moralmente incorretas de se agir. Em outras palavras, agir conforme o excesso, bem como a falta, acaba por destruir a virtude, dado que *“quem teme e foge de tudo e nada suporta torna-se covarde; quem em geral nada teme, mas*

tudo enfrenta, torna-se temerário. Igualmente, quem goza de todo prazer e não se abstém de nenhum torna-se incontinente; quem foge de todos, como os homens rústicos, torna-se insensível (Ética a Nicômaco, 1104a15-20). O que o homem deve procurar aperfeiçoar é o que Aristóteles chama de mediania em cada uma das suas ações, ou seja, o homem deve procurar o meio termo de cada ação.

Porém, estipular o meio termo das ações não é tarefa fácil porque, diferentemente das ciências exatas, o âmbito prático humano, como já mencionado, não é algo que se pode estipular com exatidão. É um âmbito que está constantemente influenciado pelas circunstâncias e que, em muitos aspectos, é o contexto que define algo como bom ou não. Ao analisar, por exemplo, os números “um” e “cinco” da aritmética, é fácil estipular que o meio termo é “três”. Mas é justamente isto que não é possível de fazer ao se tratar das ações dos homens. Não há como determinar a ação a ser seguida em determinada situação. Por exemplo, não há como determinar universalmente que “mentir é algo ruim”, ou seja, que o homem, em hipótese alguma, nunca deve mentir, ao invés disso deve dizer sempre a verdade não importa o que ocorrer; é fato que o homem, em circunstâncias normais, deve evitar mentir ao se relacionar com seus semelhantes, porém, se o fato de falar a verdade, em uma situação hipotética, acarretar na morte de um inocente, então, nesse caso, de acordo com estas circunstâncias, é preferível que o homem minta e acabe salvando a vida do inocente. Mas determinar qual é a ação correta em determinada situação não é nada fácil. Cada indivíduo que age deve considerar, em cada caso, qual é a ação mais apropriada à ocasião. Em suma, aquele homem que age tem total responsabilidade sobre os resultados que a ação possa gerar.

Os sentimentos de prazer e dor que acompanham as ações são de suma importância para se compreender melhor o âmbito das virtudes, podendo-se dizer que eles são o princípio motor que acaba desencadeando todo o tipo de ação nos homens. É fato que desde muito jovem o homem passa a desenvolver esses parâmetros do que é bom e ruim, fazendo com que toda a sua vida se resuma na busca ou fuga destes; é justamente em relação a esses sentimentos de prazer e dor que há a possibilidade de os homens tornarem-se maus, sendo que a diferença se encontrará no modo em que o homem os buscará ou evitará. O que se pode dizer com tudo isso é que a excelência moral está diretamente relacionada tanto com o sentimento de prazer como o sentimento de dor, conforme nos elucida Aristóteles: *“pelos prazeres e dores os homens tornam-se torpes, ao buscar e evitar aqueles que não se devem, ou quando não se devem, ou como não se deve”* (Ética a Nicômaco, 1104b20). Aristóteles acrescenta, logo em seguida, que a *“virtude é de natureza a praticar o melhor referente a prazeres e dores; o vício, o contrário”* (Ética a Nicômaco, 1104b25).

Todo o desenvolvimento do homem é acompanhado por aquelas coisas que lhe são agradáveis e dolorosas, e, de forma gradual e inconsciente, vai-se “fortificando” essas concepções até chegar num certo ponto em que elas passam a estar “solidificadas” e “enraizadas” no modo de viver dos indivíduos, isto porque *“desde a infância somos todos criados com ele [o prazer]: por isso nos é difícil desvincilhar desta afecção entranhada na vida”* (Ética a Nicômaco, 1105a1). Sendo assim, essas concepções individuais do que é bom e do que é ruim são fundamentais porque passam a interferir no modo de encarar o cotidiano, justamente porque *“medimos as ações, uns mais, outros menos, pelo prazer e pela dor”* (Ética a Nicômaco, 1105a1-5). Para incrementar essa dificuldade que

diz respeito ao âmbito prático humano, pode-se observar que é sempre mais difícil lutar contra o prazer do que contra a dor. Isto se dá porque o prazer é algo positivo, que traz coisas boas, não tendo, assim, motivos para rever as atitudes dos homens. De modo contrário se dá com a dor, pois é sempre mais fácil evitar sofrer; se determinada ação resultar em dor ao indivíduo, é um processo natural ele deixar de efetuar tal ação. Como o ser humano tem um sentimento natural de evitar aquilo que lhe proporciona dor e cultivar aquilo que lhe proporciona prazer, sempre será mais penoso combater os prazeres. Mas a virtude se adquire justamente com aquelas coisas que são penosas, combatendo aquelas coisas que vão de encontro ao natural do homem, pois *“é a respeito do que é mais difícil que sempre surgem arte e virtude, pois o bem é nestas condições melhor”* (Ética a Nicômaco, 1105a5).

4 CONCLUSÕES

Como se pôde perceber ao longo do presente resumo, a maneira moralmente correta dos homens agirem sempre estará sob influência das circunstâncias. Isto significa que, em uma dada situação específica, a melhor maneira de agir é de acordo com *A* e não *B*; porém, em uma outra situação específica, *B* pode ser considerada a maneira moralmente correta de agir e *A* ser a equivocada. Portanto, fica postulado que, ao agir, o agente sempre deve atentar às circunstâncias que se fazem presentes.

Além de ser necessário levar em consideração as circunstâncias que se fazem presentes no momento da ação, o agente deve atentar para agir de acordo com o meio termo anunciado por Aristóteles. Mas a dificuldade está em essa mediedade não ser algo objetivo, é algo que o agente deve ponderar para conseguir estipular um meio termo entre os dois extremos. Conforme Aristóteles, há apenas três maneiras de o agente agir, duas delas consideradas formas viciosas – o excesso e a falta – e uma considerada a maneira virtuosa – de acordo com a mediedade. O critério moral que Aristóteles utiliza é o prudente, o qual possui a habilidade de pesar razões, isto é, ele é capaz de ponderar e decidir entre fazer *A* ou fazer *B*, em decorrência dos melhores resultados.

Por último, os homens devem ter um cuidado especial com aquelas coisas que lhes são prazerosas, dado que não há como o homem ter uma atitude imparcial diante destes, sendo mais difícil combater estas coisas que proporcionam prazer. Por serem os prazeres algo de agradável aos homens, estes não percebem os vícios que as coisas prazerosas podem acarretar, ou seja, não se dão conta do perigo que se esconde por trás do agradável.

5 REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Abril, 1973.
ZINGANO, Marco. **Aristóteles: tratado da virtude moral; Ethica Nicomachea I 13 – III 8**. São Paulo: Odysseus Editora, 2008.